



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8549 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

“EMPOWERMENT” E A “CONTRADIÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO”: POSSÍVEIS RELAÇÕES

Ana Flávia Tavares de Melo - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

“EMPOWERMENT” E A “CONTRADIÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDO”: POSSÍVEIS RELAÇÕES

1. Introdução

O presente trabalho surgiu após a leitura do livro *Medo e Ousadia* de Paulo Freire e Ira Shor (1986) no qual ele traz o conceito de *Empowerment* – o empoderamento. Atualmente, este conceito está sendo disseminado principalmente nas redes sociais como o *Instagram* e *Facebook*, como forma de “empoderar a mulher” principalmente. No entanto, após a leitura do livro é possível notar que este suposto empoderamento das mulheres, pode ser mais um mecanismo para manutenção da condição de oprimida.

Esta proposição surgiu, porque de acordo com o conceito apresentado por Paulo Freire e Ira Shor (1986) o *empowerment* significa “a) dar poder a; b) ativar a potencialidade criativa” (FREIRE; SHOR 1986 p.10). Por isso, aprofundar este conceito se faz necessário neste contexto atual. Pois, existe uma possibilidade de que seja apenas uma palavra utilizada em favor do opressor, mas capaz de ludibriar a oprimida a ponto de que este considere que realmente tenha alguma autonomia ou esteja munida de algum tipo de poder.

Portanto, o objetivo central deste trabalho é investigar as possíveis relações do conceito de empoderamento e a condição da mulher na contradição opressor-oprimida. Isto é, que tipo de relação pode existir entre o conceito de empoderamento elucidado por Paulo Freire e Shor (1986) e a mulher na contradição opressor-oprimida. Este empoderamento auxilia em uma superação e/ou legitimação da condição da mulher na sociedade?

2. “Contradição opressor – oprimido”

A contradição opressor-oprimido é central na obra de Paulo Freire, por esta razão é imprescindível apresentar esta relação em *Pedagogia do oprimido* (1987) para entender essa contradição que ocorre sempre quando há alguém que se sente superior na relação com outra

peessoa. E nessa correlação de força ocorre o processo de desumanização do ser, tornando-o, como afirma Freire (1987): “ser menos”. De acordo com o autor, o “ser menos” não compreende a prisão em que vive sendo sempre oprimido e quando percebe que está sendo oprimido, não busca a libertação da situação, mas quer tornar-se o opressor.

Neste sentido, sobre essa correlação de forças entre o opressor-oprimido Paulo Freire (1987, p.17) afirmou que “[..] Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, roeste poder, a força da libertação dos oprimidos nem de si mesmos”. Portanto, mesmo o oprimido munido de poder ele não possui o poder de libertar nem a si próprio e nem o oprimido. É relevante assinalar que o opressor não é, de fato, superior ao oprimido, mas ele se vê assim – superior. E o oprimido também a enxerga dessa maneira, considerando a “consciência hospedeira” de que trata Freire (1986).

Para Freire (1986, p. 18)

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação- a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar a sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealisticamente opressores, nem se tornam de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. (FREIRE, 1986. p. 16)

Em Pedagogia da Esperança, Freire (1992) suscita a discussão de gênero, por ter sido instigado por um grupo de mulheres a reelaborar sua escrita, pois, afirmavam que sua escrita era bastante machista e colocava apenas o homem quando se referia a toda humanidade. Excluindo as mulheres do discurso. O autor enfatizou que deveria ser uma prática para além dos discursos. Isto é recorrente em diversos textos, principalmente com datas mais antigas. Pois, acreditava-se que ficava subentendido que a palavra homem já abarcava todos os seres humanos.

Paulo Freire (1992) assinala que:

A discriminação da mulher, expressada e feita pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas é uma forma colonial de tratá-la, incompatível, portanto, com qualquer posição progressista, de mulher ou de homem, pouco importa. A recusa à ideologia machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. (FREIRE, 1992, p.68)

A partir desse momento, o autor, começou a fomentar essa discussão de gênero, em sua escrita. Mas, é válido ponderar que ele não aprofundou em uma discussão de gênero, Freire (1992) pontuou a questão de uma linguagem que excluía as mulheres e que ao ser alertado percebeu que estava sendo contraditório com a própria teoria. Pontuou também que deveria haver uma atitude para além dos discursos acerca da presença da mulher na sociedade. Pois, romper com as amarras machistas também é uma forma de superar a contradição opressor-oprimido (a). E deveríamos começar na linguagem como afirmou Freire (1992)

Segundo FREIRE (1987) é complicado o oprimido perceber-se nesta situação, pois se encontra no que o autor denomina de “imersão” na realidade opressora, ou seja, está há tempos nesta situação e não consegue ao menos reconhecer-se enquanto oprimido. Talvez, por esse motivo a dificuldade da superação da realidade em que está inserido. Ao perceber a situação de opressão em que está, pretende não um processo de libertação sua e de seu opressor, mas deseja tornar-se o opressor, como diz Paulo Freire:

A estrutura de seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial em que se formam. O seu ideal é, realmente ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição que sempre estiveram e cuja superação não lhes está, clara, e ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade. (FREIRE, 1987, p.17)

Trata-se de uma relação opressor-oprimida, entre homens e mulheres, historicamente construída e disseminada. A mulher não reconhece seu opressor, por ainda não reconhecer na linguagem utilizada, ela enquanto oprimida, há desconfianças de que seja porque historicamente a escrita sempre se referiu ao homem enquanto humanidade. Assim sendo, as mulheres ainda não percebiam que isso era uma forma de opressão, já que foram condicionadas a acreditar que esta parcela da sociedade (o homem) era símbolo representante supremo de toda a humanidade.

Essa dificuldade de o oprimido reconhecer-se enquanto tal acontece pelos mecanismos utilizados pelos opressores para que se mantenha essa configuração, quando o oprimido consegue se reconhecer, este não busca a sua libertação e do seu opressor como propõe Paulo Freire (1987), mas pretendem tornar-se o opressor. “Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido” (FIORI, 1987 p.05).

Não é puro idealismo, acrescente-se, não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. É claro que a superação, do discurso machista, como a superação de qualquer outro discurso autoritário, exige ou nos coloca a necessidade de, concomitantemente com o novo discurso, democrático, antidiscriminatório, nos engajarmos em práticas também democráticas. (FREIRE, 1992 p.68)

Isso significa que ambas as partes precisam reconhecer o discurso e as atitudes machistas para poderem superá-los, ou seja, devem observar o discurso, refletir e associando à leitura de mundo transformar a realidade é o que Paulo Freire denomina de práxis, ação-reflexão-ação “ Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987 p.44). Mas é notório que a mulher ainda continua no lugar de opressão, mas com pensamento de opressora, pois ainda depende da aprovação e da submissão ao homem, para que supostamente seja empoderada.

Considerações Finais

Para as discussões trouxemos à tona as teorias de Paulo Freire em algumas de suas obras, a *Pedagogia do Oprimido* (1987), fomenta a discussão da contradição opressor-oprimido em que faz a relação da ordem social injusta como fonte geradora desta contradição, favorecendo os opressores a oprimirem os desvalidos, já que estes em sua condição não possuem, a princípio, uma forma de se libertar-se dessa situação. Contudo, nesta obra Paulo Freire apresenta pistas de como é possível ocorrer realmente essa libertação e será por meio dos oprimidos que conhecem e vivenciam a opressão diariamente.

No livro *Pedagogia da Esperança* (1992) as questões de gênero, são abordadas por ter

surgido uma necessidade a partir de pedidos feitos por mulheres ao autor, as quais se sentiram excluídas quando o autor se referia à humanidade com o termo “homem” no livro *Pedagogia do Oprimido*. O autor, assim relata que acreditava que as mulheres se sentiam incluídas nesta nomenclatura talvez por ser utilizada sempre e quase nunca questionada. O que nos leva a refletir para além do lugar de oprimida em que a mulher se encontra, podemos conjeturar sobre a relação do discurso com a prática de libertação não só do machismo, mas também de outras configurações autoritárias na sociedade.

É necessário que reflitamos com mais afinco sobre as questões abordadas neste artigo, pois para que ocorra um processo de transformação da realidade complexa e contraditória em que estamos inseridos, precisamos como afirmou Freire (1987) de ação – reflexão – ação, e que nosso discurso também seja presente na prática. Não podemos continuar a permitir que a contradição opressor-oprimido torne-se um ciclo vicioso em que o oprimido queira apenas ser o opressor, e deixe de atentar-se para seu processo de libertação.

Em suma as discussões sobre o tema não se esgotam neste trabalho, ao contrário nos fundamentam para que possamos refletir e buscar uma transformação para a realidade. Com um processo de libertação em que primeiro as mulheres necessitam perceber sua posição no processo, que geralmente é a de oprimida. E se conscientizar que possuem as ferramentas necessárias para buscar a superação da contradição opressor-oprimida, inclusive a libertação também de seu opressor que é a proposta de Paulo Freire (1987). Todas nós mulheres não podemos acreditar em discursos vazios de empoderamento que só nos mantêm na condição de oprimida.

Assim sendo, não se trata apenas de uma linguagem universal como é o caso do termo “homem” para designar humanidade, como é tratado por Paulo Freire (1992). É perceber que a palavra empoderamento também pode estar sendo utilizada como um mecanismo de manutenção da contradição opressor-oprimida. Porque, tomando como base o conceito de Freire e Shor (1986) as mulheres ainda precisam receber o “poder” de alguém que o tenha. E historicamente e deliberadamente esse poder está com o “homem”.

Portanto, ao trazer a questão de gênero a partir da linguagem utilizada no seu livro *Pedagogia do oprimido* (FREIRE,1987), o autor nos alerta, a refletir sobre o quanto o processo de transformação da realidade necessita de uma constante dialética. E que não é uma simples mudança de tratamento escrito é uma modificação de atitude que vai reverberar em outros espaços. É assim que será possível uma real transformação. O empoderamento, não pode ser apenas uma palavra vazia, deve ser carregada de reais sentidos e significados capaz de promover a superação das mulheres de uma condição de oprimida nesta relação contraditória apontada por Paulo Freire (1987;1992).

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira **Medo e Ousadia – O cotidiano do professor.** tradução de Adriana Lopez; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Freire, Paulo, **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MARX, KARL; ENGELS, Friederich **A Ideologia Alemã:** tradução Luís Claudio de Castro e Costa – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Palavras-chave: empoderamento, opressor, oprimida, mulher